

Vol 6 Issue 1 October 2016

ISSN No : 2249-894X

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Dr. T. Manichander

Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pinteau Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMARALAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V.MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S.KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept.English, Government Postgraduate College , solan

More.....



A HERMENÊUTICA DO PENSAMENTO AMAZÔNICO DE EUCLIDES DA CUNHA E LEANDRO TOCANTINS

Tereza de Sousa Ramos¹, LileanePraia Portela de Aguiar² and Paula Mirana de Sousa Ramos³

¹Cientista Social pela Universidade Federal do Amazonas com mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Amazonas e doutoranda em Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA pela Universidade Federal do Amazonas.

²Filósofa pela Universidade Federal do Amazonas com mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas e doutorado em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal de Brasília – UNB.

³Cientista Social pela Universidade Federal do Amazonas com mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Amazonas e doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA pela Universidade Federal do Amazonas.



Leandro Tocantins à luz da explicação hermenêutica de Hans-Georg Gadamer demonstrando o discurso histórico interpretativo de Leandro Tocantins nesta obra.

Palavras chaves: *Pensamento social; Amazônia; Hermenêutica.*

INTRODUÇÃO

A hermenêutica é um recurso metodológico usado no processo de esclarecimento de saberes e na construção de uma estrutura de conhecimentos sobre uma realidade, um discurso, uma ideia, um livro, um texto entre outros. É a busca que se fundamenta epistemologicamente, tendo na mediação do texto o encontro do conhecimento total. Assim, podemos ver a hermenêutica como o conceito de um processo que integra a metodologia de

RESUMO

Nascido na região Amazônica, mas morando durante muitos anos no Rio de Janeiro, Leandro Tocantins, como um estudioso da Amazônia e como um intérprete de Euclides da Cunha tornou-se, nos anos de 1950 e 1960, um dos personagens mais autorizados a falar do trecho do Brasil que integra o mundo chamado por Euclides de “a última página do

gêneses”. Leandro Tocantins relata na obra Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido, a expedição de exploração de um ano na Amazônia realizada por Euclides da Cunha numa comissão composta por brasileiros e peruanos para estabelecer as fronteiras entre o Brasil e o Peru, tendo como pano de fundo a integração do território do Acre ao Brasil. O presente artigo apresenta a análise da obra Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido de

pesquisa científica e a reflexão filosófica.

Hans-Georg Gadamer contribuiu de forma marcante para a reflexão sobre a hermenêutica por meio da força de seu próprio pensamento e, também, fazendo sínteses das ideias de pensadores fundamentais como Aristóteles, Dilthey e Heidegger. Mas a virada hermenêutica de Gadamer trouxe, com sua hermenêutica filosófica, uma lição nova e definitiva.

Nas palavras de Gadamer (2008), uma coisa é estabelecer uma práxis de interpretação opaca como princípio, e outra coisa, bem diferente, é inserir a interpretação num contexto - ou de caráter existencial ou com as características do acontecer da tradição na história do ser - em que interpretar permite ser compreendido progressivamente como uma autocompreensão de quem interpreta. De outro lado, a hermenêutica filosófica nos ensina que o ser não pode ser compreendido em sua totalidade, não podendo assim haver uma pretensão de totalidade da interpretação. Ou seja, o hermenêuta conduz seu esforço reflexivo em direção ao contexto investigativo, na busca pela verdade, tendo por meio da ação hermenêutica uma exigência transcendental de coerência.



**Euclides da Cunha (1866-1909).
Escritor e Jornalista Brasileiro**

A obra de Euclides da Cunha exerceu uma grande influência na formação do pensamento social brasileiro sobre a Amazônia e no pensamento de Leandro Tocantins. A sua leitura de *Paraíso Perdido*, *Contrastes e Confrontos*, *À margem da história*, o *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus*, de *Entre Os Seringais*, de Peru versus Bolívia e das correspondências que Euclides da Cunha enviara a familiares, amigos e principalmente ao Chanceler da República Barão do Rio Branco, fez com que Leandro Tocantins se colocasse em uma situação hermenêutica e a agir orientado por essa atitude, isto é, com a intenção de compreender os textos de Euclides sobre a Amazônia. Todavia, este intérprete possuía ideias e conceitos que faziam parte do seu universo cognitivo e interferiram diretamente no processo interpretativo das ideias registradas por Euclides da Cunha.

Leandro Tocantins foi um estudioso de Euclides da Cunha e seu interesse se deu desde muito cedo. Quando ainda menino, teve contato com seus escritos onde se misturavam a literatura científica, a história e a arte em uma escrita claramente sociológica sobre a Amazônia. Mais tarde, já adulto e como um intelectual que via na Amazônia uma responsabilidade a ser revelada a nação, debruçou-se sobre os escritos de Euclides trazendo uma grande contribuição à pesquisa nacional ao buscar as correspondências, ainda inéditas, de Euclides com o Barão do Rio Branco, escritas quando esteve à frente da Comissão de reconhecimento do Alto Purus pela anexação do território do Acre ao Brasil.

O livro “Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido” é o resultado da ação hermenêutica de Leandro Tocantins sobre os escritos de Euclides da Cunha em torno da sua viagem para a Amazônia. Mas para compreendermos a ação hermenêutica de Leandro Tocantins em torno da obra de Euclides sobre a Amazônia e a verificação de uma relação mais ampla entre estes autores através da análise da história das ideias, torna-se necessário um mergulho na intencionalidade histórica da produção euclidiana no Brasil recém-republicano.

1. Euclides da Cunha e a Amazônia

Euclides da Cunha havia registrado em os Sertões o Brasil que não fazia parte nem da literatura e nem do interesse das elites que viviam o artificialismo das obras importadas. Registrou através de sua produção, a qual retratava a Guerra de Canudos, a denuncia de um Brasil desigual e arcaico. Todavia, esse realismo com que mostrou o problema da desigualdade regional no Brasil, do início do século XX e ainda não superado no século XXI, trouxe profundas ressonâncias aos estudos sobre a nação, lançando as bases para um novo ciclo de estudos baseados no regionalismo. Em crítica a falta de interesse sobre a realidade nacional, argumentou:

Pensamos demasiadamente em Francês, em alemão, ou mesmo em português. Vivemos em pleno

colonato espiritual, quase um século após a autonomia política. As elites políticas estavam cegas aos quadros reais de nossa vida. (CUNHA apud TOCANTINS, 1966, p. 21).

Essa experiência no Nordeste motivou Euclides da Cunha a conhecer outra parte do Brasil, reconhecida pelo atraso em relação ao sul e sudeste e registrada somente pelas suas belezas naturais e por um lirismo utópico das literaturas dos cronistas e viajantes, que a inseriam em uma percepção antagônica de inferno e paraíso. Euclides da Cunha foi motivado por seu “espírito” desbravador e por uma inquietude em denunciar mais uma vez a realidade nacional, agora na Amazônia, através das notícias que lera sobre os conflitos pela posse e anexação do território do Acre ao Brasil.

Deste modo, a realização deste sonho não fora tão difícil para ele a medida em que seu livro *Sertões* fora lido pelo chanceler da República Barão do Rio Branco, que o convidou, ao sabê-lo destemido, a uma viagem pela Amazônia com a missão de chefiar a comissão de demarcação dos limites entre o Brasil e o Peru.

Esta missão trouxe a Euclides da Cunha uma grande satisfação quando pôde então conhecer e registrar a realidade do Norte do Brasil. Um outro Brasil como no Nordeste, tendo como pano de fundo o conflito no Acre. Seria a busca por mais um sertão? Agora, pois, o sertão seria o amazônico onde pôde desmistificar as ideologias que norteavam a visão romântica da Amazônia como o paraíso dos cronistas e viajantes.

Em sua passagem pela Amazônia, registrou surpresas e desapontamentos que confrontavam com tudo o que já havia lido sobre a região. Chegou a Amazônia com sua visão crítica aguçada, ansioso por contemplar os conflitos do Acre no paraíso edênico das Amazonas. Todavia, sua primeira visão foi de um profundo desapontamento que mais tarde foi superado pela satisfação de poder testemunhar e denunciar as desigualdades existentes no Brasil recém-republicano, tal como Leandro Tocantins explica:

[...] O primeiro contato com a região deslumbrou-o. Não sob o aspecto da natureza, que lhe trouxe um certo desapontamento: “afinal, o que prefigurara grande era um diminutivo do mar, sem o pitoresco da onda e sem os mistérios da profundidade. Tudo era raso, as ilhas, o continente”. Uma espécie de “naufrágio da terra, um céu luminoso, o horizonte em círculo. Uma profunda monotonia”. Euclides precisava de um cenário mais vivo, mais chocante á sua sensibilidade (como o de Canudos), capaz de gerar-lhe idéias-mães, de exprimir, de dentro para fora, as visões que esperava ter sob o impacto de uma imagem “há longo tempo prefigurada” (TOCANTINS, 1966, p.37).

Logo após o primeiro contato em 1904, Euclides pode deslumbrar a paisagem material das capitais Belém e Manaus, que se desenvolviam sob o impulso da economia gomífera. Surpreendeu-se com a capital amazonense devido o grande espetáculo de dinamismo, de progresso e de civilização causando mais uma vez certo desapontamento neste viajante. Tal como também explica, o intérprete Leandro Tocantins:

Uma civilização tanto quanto superficial, que importava não só artigos de luxo e de alimentação, mas que fazia esforço por imitar a Europa, em suas constantes culturais. Em Manaus, Euclides foi encontrar bem maior influencia europeia – francesa e inglesa – do que no próprio Rio de Janeiro [...] Alimentando todos esses caprichos, a borracha. E a cidade onde havia mistura, como bem disse Euclides, de roupas ultra-civilizadas e restos de tangas indígenas, soava falso a sensibilidade de um homem mais propenso a admirar a rudeza do outro Brasil, o autentico, embora com seu atraso, suas chagas econômicas e sociais. (TOCANTINS, 1966, p. 41)

Este posicionamento de Euclides da Cunha justifica-se na necessidade de demonstrar os reais problemas sociais existentes na Amazônia, os quais estavam sendo encobertos pela “meca tumultuária de seringueiros”. Sua percepção real do que seria a Amazônia foi obtida durante a expedição de Manaus até o Acre, onde os sentimentos de Euclides transpassam por entre a caneta e o papel, deixando o registro do deslumbre por uma natureza agora reconhecida por ele como, embora digna de admiração, era por demais também dominadora e brutal. O objetivo era chegar à cabeceira do Purus para fazer a demarcação entre as terras pertencentes ao Brasil e ao Peru junto a um grupo também expedicionário peruano.

Nessa expedição chefiada por Euclides da Cunha, foi onde ele realmente pode entrar em contato com o grande problema social desta parte do Brasil. Por trás da romântica história da anexação do estado do Acre ao território brasileiro e das românticas literaturas que expunham o lugar do paraíso onde não havia desigualdade social, Euclides testemunhou o sangrento confronto entre brasileiros (o caucheiro) , trabalhadores explorados pela indústria da seringa, e os peruanos que habitavam naquele território. Seria o encontro com mais um sertão

brasileiro, agora um sertão de “vastas terras inundadas e de vastos céus resplandecentes”, e este contato com o outro sertão apenas reforçou a sua ideia de fazer um segundo livro vingador para o Brasil do século XX, O Paraíso Perdido, o qual devido a sua morte prematura pode somente ser construído com a anexação de seus escritos sobre a região anos após seu falecimento.

Euclides não conseguiu realizar seu desejo de escrever o segundo livro vingador, mas deixou vários textos sobre a sua experiência na Amazônia. Ele mesmo organizou a primeira parte do livro *A Margem da História*, onde relatou a sua viagem ao Purus. Porém, sobre o Paraíso Perdido, Euclides deixou vários textos dispersos que foram organizados por Hildo Rocha nos anos de 1976 e Leandro Tocantins nos anos de 1986.

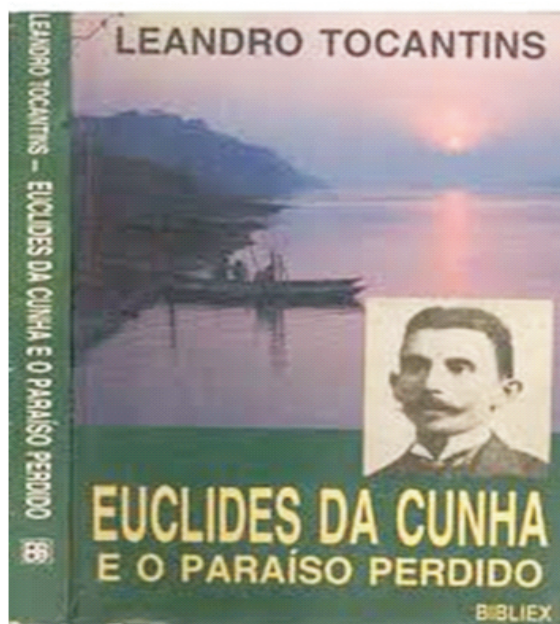
Em seus escritos sobre a Amazônia revelou um profundo nacionalismo e regionalismo que se sobressaiu aos valores deterministas e até mesmo aos ideais republicanos. Neste aspecto, sua crítica foi feita. A Amazônia era outro Brasil, um Brasil com muito potencial e que desafiava a inteligência brasileira devido as suas peculiaridades naturais e sociais e essa denúncia repercutiu em vozes que soaram como antecipações as ideias que surgiram posteriormente sobre esta região e desveladas por Leandro Tocantins:

O certo é que, em *Clima Caluniado*, Euclides por pouco não chega a conclusões revolucionárias. Chega apenas a esboçá-las, quando dá a entender que o meio – meio físico, meio geográfico, meio cósmico, meio tout court – não é tão soberano como pensavam os deterministas. Em trechos recolhidos numa página e noutra de *Á margem da história*, percebe-se que Euclides da Cunha já possuía uma intuição de que o meio social se superpõe ao meio cósmico, e que a agressividade da natureza pode ser vencida ou atenuada pela ação do homem. (TOCANTINS, 1966, p. 91)

A Inquietação de Leandro Tocantins por resgatar o pensamento de Euclides da Cunha sobre a Amazônia se deu em torno da necessidade de se resgatar a Genesis do pensamento social no Brasil e na Amazônia. E isso, no sentido de se obter o esclarecimento das próprias conjunturas, estruturas e o próprio pensamento social do nacional desenvolvimentismo, do qual Leandro Tocantins fazia parte. Deste modo, é que Leandro Tocantins encontrou no pensamento euclidiano um subsídio para o fortalecimento da ideia de Amazônia como responsabilidade nacional durante a segunda metade do século XX.

Tendo como principal referência a obra póstumas de Euclides da Cunha “Paraíso Perdido”, Tocantins retrata a importância da presença singular de Euclides para a Amazônia, considerando este intelectual como o primeiro a destacar o brasileiro amazônico, categoria central no ideário de Tocantins durante o nacional desenvolvimentismo.

O compromisso em revelar a Amazônia euclidiana fez com que Leandro Tocantins publicasse o livro *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido* como o resultado da dedicação com a qual prestou em conhecer o pensamento deste intelectual e confrontá-lo com as ideias predominantes na segunda metade do século XX. Leandro Tocantins produziu esta obra a partir das correspondências de Euclides da Cunha, principalmente com o Barão do Rio Branco. Tais comunicações permaneceram guardadas no Arquivo Histórico do Itamarati como inéditas até os anos de 1960 e subsidiaram a análise dos escritos que Euclides deixou sobre a Amazônia tendo a viagem até o Purus como pano de fundo.



2. O OLHAR HERMENÊUTICO DE LEANDRO TOCANTINS

Nesta obra, Tocantins desenvolve uma interpretação objetiva do papel de Euclides na revelação da vida amazônica. Examinou cada carta que enviou ao Barão do Rio Branco, estando ainda à frente da Comissão de Limites com o Peru, a entrevista de Euclides da Cunha, publicada no *Jornal do Comércio* de 1905 bem como os escritos que este intelectual deixou sobre a região.

Durante o final do Império e início da República, a obra de Euclides da Cunha foi reconhecida por buscar caminhos de renovação das mentalidades do país. Com *Os Sertões*, Euclides mudou sua visão a respeito do Brasil e proporcionou a tomada de consciência das elites intelectuais em torno da realidade de um Brasil mestiço, rústico, primitivo e extremamente desigual.

Ao escrever sobre esta região, Euclides não demonstrou o interesse em somente descrever a Amazônia para o restante do país. Mas assim como em *Os Sertões*, revelou uma denúncia nacional no sentido de mostrar que a conquista do território do Acre significaria que o Brasil definitivamente teria que abraçar a Amazônia como responsabilidade nacional. Ou seja, Euclides da Cunha tece sua denúncia contra um possível posicionamento dos brasileiros que poderia se deixar dominar por uma consciência passageira em torno daquele momento histórico que a Amazônia vivia. Sua denúncia revela o perigo de uma Amazônia ignorada que poderia vir a distanciar-se naturalmente do território nacional, constituindo mais um desafio à formação nacional. As cartas enviadas ao Barão do Rio Branco explicitavam esse pressuposto.

Em outras palavras, à semelhança do que ocorrera em *Os Sertões* e certo de sua visão republicana, Euclides enfatizou a questão da integração da Amazônia ao Brasil. E essa integração, transcendendo a questão de limites, dependia de políticas públicas de desenvolvimento e de auxílio às populações locais. É, portanto, o conjunto dessas análises e propostas que permite encontrar o valor das ideias de Euclides sobre a região.

A obra de Euclides da Cunha mostra-se como um elemento essencial quando se busca identificar as origens da tradição de um pensamento social sobre a Amazônia, devido seu trabalho mostrar-se enquanto uma primeira tentativa de um autor brasileiro em “desvendar” a Amazônia sob o enfoque das ciências sociais, ou seja, através de uma interpretação não mais somente de cunho literário, apesar da predominância de um teor claramente ensaístico, marcando assim uma tradição de um pensamento sociológico sobre a região. Com isso, pode-se afirmar que o ponto de partida do pensamento social amazônico, estava ao cargo dos “Herdeiros de Euclides da Cunha”. Todavia, de acordo com Paiva (2002), essa herança euclidiana foi gerenciada de modo distinto por diversos autores conforme o posicionamento assumido de cada um no âmbito do campo intelectual local.

Dentre estes “herdeiros” destacamos Leandro Tocantins, que não foi contemporâneo de Euclides da Cunha, mas demonstrou um forte diálogo com as ideias propagadas por este autor do início do século XX, no intuito de revelar a região à nação provando que ela ainda constituía um desafio nacional. Como intelectual, vivenciou os debates políticos para a criação de programas de desenvolvimento para a Amazônia e colaborou com o ideário desenvolvimentista propagado a partir dos anos 1950.

Uma semelhança entre Tocantins e Euclides da Cunha se dá justamente na tentativa de mostrar a realidade Amazônica. Chamando atenção dos poderes políticos sobre esta parte do país, seus escritos iniciam-se por meio dos jornais, os quais, segundo Miceli (1979), eram um meio de vocalização dos grupos ou facções dos diferentes intelectuais que acabavam por converter-se em representantes de tais facções. Isso porque, a própria lógica de circulação da imprensa garantia uma velocidade para a exposição de suas ideias. Deste modo, a atividade jornalística permitiu a muitos intelectuais a consagração intelectual e política.

Leandro Tocantins logo compreendeu que Euclides da Cunha fazia uma análise em torno da Amazônia sob um aspecto geográfico e histórico, mas, acima de tudo, desenvolveu uma sociologia da região demonstrando o potencial do homem amazônico, único capaz de enfrentar e se relacionar com as condições naturais que a Amazônia oferecia. Deste modo, através da leitura das obras de Euclides, Tocantins encontrou-se com um estilo mais científico e menos fantasioso de enxergar a Amazônia, podendo, portanto, tanto enaltecer o olhar de Euclides da Cunha, quanto afirmar que foi influenciado por sua maneira de enxergar a região:

Ademais, meu sentimento regional fora tocado pela beleza e fidelidade do estilo de Euclides. Muitas cenas descritas em *À Margem da História* são o pano de fundo de minha infância no território do Acre. Quantas vezes eu assisti à procissão fluvial do Judas Asvero, nos ruidosos sábados de Aleluia, tão gratos a minha memória! A criança, que também participou na criação da figura grotesca do boneco engendrado com palhas de milho e roupas velhas, vibra na alma do adulto com a reconstituição da cena típica. Uma espécie de procura do tempo perdido [...]. Afinal, encontrei o meu caminho: as Ciências Sociais – a História, mais precisamente -, e tomou vulto a ideia de lançar-me numa bela aventura intelectual, acompanhando, passo a passo, a viagem de Euclides da Cunha na Amazônia, para revelá-la em sua esplendida significação e realidade (TOCANTINS, 1969, p. 18).

Em sua obra *Euclides da Cunha e o Paraíso perdido*, Leandro Tocantins faz, nos anos de 1960, uma reinterpretação da Amazônia a partir da ótica Euclidiana, no que tange demonstrar o Brasil amazônico, já tratado por Euclides da Cunha no início do século. Neste sentido, afirma que o próprio Euclides corrigiu conceitos anteriormente desenvolvidos em outras obras afirmando que: “Anima-o a experiência histórica das empresas humanas no trópico amazônico. Estende a sua visão genial aos horizontes da História sul-americana.” (EUCLIDES apud TOCANTINS, 1966, p.9)

No que diz respeito ao desafio da interpretação ou reinterpretação do olhar do outro, Gadamer (1998) nos alerta para o necessário exercício da compreensão. Para ele, quando compreendemos um texto, não nos colocamos no lugar do outro nem é o caso de pensar que se trata de penetrar a atividade espiritual do autor; trata-se, em outros termos, de apreender o valor intrínseco dos argumentos apresentados e isto da maneira mais complexa possível. O sentido da investigação hermenêutica é revelar o milagre da compreensão e não a misteriosa comunicação entre as almas. Neste sentido, é possível perceber que Leandro Tocantins ao ler e escrever sobre Euclides da Cunha tinha por objetivo abranger a ideia lançada no início do século por este autor sobre a necessidade do Brasil inserir os confins da Amazônia no centro dos debates políticos nacionais através de um valor intrínseco dos argumentos apresentados por Euclides. Inferimos que, para este específico tratamento, Tocantins imbricou-se no desafiador exercício hermenêutico por conta da distância temporal entre sua produção e o legado de seu personagem protagonista.

A esse respeito, inferimos que seu exercício hermenêutico se deu na perspectiva da tradição histórica, mas não como sugestão ou limitação à constatação de dados verificáveis empiricamente. Pelo contrário, interpretação hermenêutica com tradição histórica, no sentido de processo vital, forjado no conjunto de acontecimentos epistemologicamente analisados.

De acordo com Gadamer (1998), uma consciência formada por uma autêntica atitude hermenêutica é sempre receptiva às origens e características totalmente estranhas de tudo aquilo que lhe vem de fora. Em todo caso, tal receptividade não se adquire por meio de uma “neutralidade” objetivista. A atitude hermenêutica

supõe uma tomada de consciência com relação as nossas opiniões e preconceitos.

Por outro lado, pode-se perceber também que há por parte de Leandro Tocantins um profundo interesse pelos escritos de Euclides da Cunha sobre a Amazônia devido ao fato deste autor, que é representante de uma elite burocrática, revelar também a necessidade de consolidar suas posições e seus interesses bem como legitimar a sua escrita a partir da interpretação das obras de Euclides da Cunha. Todavia este fato, não invalida o esforço criador e interpretativo de Tocantins sobre Euclides da Cunha.

Segundo Gadamer (1998), o espaço de jogo se dá entre o texto e aquele que o compreende. A intenção do intérprete é se fazer mediador entre o texto e a totalidade nele subentendida. Portanto, o objetivo da hermenêutica é sempre restituir e restabelecer o acordo, preencher as lacunas. Neste sentido Tocantins afirma:

“Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido tenta fazer o inventário desse universo de ideias: sobressai-las, interpretá-las, retirar-lhes o sangue em que palpita um pensamento novo. Na memorável viagem ao Purus, cheia de acidentes e de vicissitudes, Euclides foi encontrar motivações para reafirmar-se como autor dramático e ecologicamente brasileiro” (TOCANTINS, 1966, p. 14).

Ao interpretar Euclides da Cunha, Tocantins elabora um projeto que corresponde em evidenciar o seu objeto que era a Amazônia situada no cenário do nacional desenvolvimentismo, antes já problematizada pelo grande escritor Euclides da Cunha no início da República. Deste modo, ao escrever Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido, ergue um enredo que tem em Euclides da Cunha a figura do herói.

Para Gadamer (1998), a tarefa constante da compreensão reside na elaboração de projetos autênticos que correspondam ao seu objeto. Em outros termos, trata-se de um empreendimento audacioso que busca ser recompensado por uma confirmação do próprio objeto. O que Gadamer quer qualificar de objetividade não seria outra coisa senão a confirmação de uma antecipação no curso mesmo de sua elaboração. Para este filósofo, toda interpretação de um texto deve, pois, começar por uma reflexão do intérprete sobre as ideias preconcebidas que resultam da “situação hermenêutica” em que ele se encontra.

Tocantins escreve este texto relatando a trajetória épica de Euclides da Cunha em sua viagem pela Amazônia como resultado de seus estudos e interpretação das cartas, documentos e os textos do próprio Euclides. E nesse aspecto foi fundamental o estímulo da consciência histórica de Leandro Tocantins, muito presente em toda a sua obra. Consciência histórica que Leandro Tocantins orgulhosamente declarou em um artigo ao jornal FOLHA DO NORTE em 1953,

Início, justificando o recuo ao passado remoto, para acompanhar, desde a sua gênese, o drama acreano, porque jamais se poderá considerar um fundamento isolado, remoto ou atual, como o agente matriz de certo sucesso histórico, ou situá-lo, inarticulável, em determinada época.

É evidente que a história, na sua função de investigar e registrar os fatos em todos os períodos da humanidade, vai buscar na causa o conhecimento adequado para nos induzir à verdadeira interpretação. O valor desta particularidade é reconhecido por Lewis Mumford, eminente professor de Harvard, ao alegar que “toda história tem importância porque é contemporânea; e nada talvez é mais contemporâneo do que aquelas partes ocultas do passado que ainda sobrevivem, sem que tomemos conhecimento do seu impacto cotidiano.

A exigência que é própria da hermenêutica, de pensar a realidade histórica propriamente dita nos advém daquilo que Gadamer (1998), chama de princípio da produtividade histórica. Compreender é operar uma mediação entre o presente e o passado, é desenvolver em si mesmo toda a série contínua de perspectivas na qual o passado se apresenta e se dirige a nós.

Esta mediação entre o presente e o passado foi feita por Tocantins através da Amazônia do final do império e início da República com a Amazônia do nacional desenvolvimentismo como já afirmamos, por isso, resgatar o pensamento Euclidiano nos anos de 1950 e 1960 era resgatar o pensamento de um intelectual que pelo caráter profético e acusador com que fez suas análises sobre o Nordeste e a Amazônia, poderia trazer o destaque para a necessidade de uma plena integração da Amazônia ao Brasil. Neste sentido,

Não há nenhum desapeço à cidade na atitude de Euclides. O seu espírito era avesso às artificialidades, ao mundano, aos aspectos triviais da civilização. Os sertões – sejam o do Nordeste ou o da Amazônia – correspondiam à sua atitude mental. Falavam à sua alma poeta mais épico – e viril – do que lírico. Referia-se “ao meu deserto bravo e salvador”, como qualquer amazonense, nos sofisticados palacetes de Manaus e Belém,

suspirava por “meu Paris encantador”. Gilberto Freyre diz que “os sertões forma, na verdade, o reino do poeta Euclides da Cunha. Sua Pasárgada, como diria Manuel Bandeira”. Sertões nordestinos e amazônicos, podemos acrescentar. Pois Euclides não ansiava pela “arrancada atrevida com o desconhecido”, no Purus, a Sua Pasárgada amazônica? (TOCANTINS, 1966, p.54).

A segunda metade do século XX foi para a Amazônia um período marcado pelas tentativas de ajustamento à realidade brasileira, e neste cenário, a obra de Tocantins mostrou-se como mais uma força inovadora da análise regional, tendo no resgate e na interpretação dos escritos de Euclides da Cunha um ponto de partida fundamental nesse processo.

CONCLUSÃO

Vimos que Leandro Tocantins tinha uma intencionalidade na leitura e na interpretação de Euclides da Cunha, qual seja, desvelar e resgatar à luz da consciência histórica os anos cinquenta e sessenta, por meio da trajetória épica de Euclides pela Amazônia no início do século XX e expressada no livro *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*. Neste sentido, Gadamer (1998), afirma que a estrutura circular da compreensão, na medida em que não é um círculo vicioso, pretende descrever o modo como a interpretação é realizada concretamente onde o ponto de partida jamais é algo neutro. Em sua percepção a interpretação é produto do tempo, o sujeito é objeto da cultura e da história, por isso a interpretação não é objetiva.

A hermenêutica é, portanto, se transpor e se colocar no lugar do outro, e sob este aspecto, vemos que Leandro Tocantins tenta recompor a Amazônia de Euclides da Cunha nas páginas de *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido* como resultado de uma interpretação que dialoga diretamente com a história.

De acordo com Elide Rugai Bastos (2007), embora haja diferentes posições entre os intelectuais, um aspecto comum em relação à intelectualidade brasileira está relacionado à questão dos impasses, busca de soluções para o chamado atraso nacional e às desigualdades que marcam sua heterogeneidade espacial e sociocultural. Deste modo, a articulação entre elementos tradicionais e modernos, símbolos do progresso ou do retrocesso da sociedade brasileira, são temas recorrentes no pensamento de vários estudiosos da nação.

A necessidade de se estudar a gênese do pensamento social no Brasil e na Amazônia, através de uma releitura das obras de autores como Euclides da Cunha e Leandro Tocantins, se dá no sentido de se obter o esclarecimento do próprio pensamento social atual. Assim, torna-se importante resgatar as discussões em torno da compreensão dos processos e das estruturas que articularam a região amazônica com o restante do Brasil e com o mundo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. BASTOS, E. R. Polifonia da Amazônia. In: BASTOS, E. R & PINTO, R. (Org.). *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus: EDUA, 2007.
2. MENDES, P. A. S. PACHECO, A. O ensaio histórico interpretativo de Leandro Tocantins na obra: *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*. Disponível em: <http://www.google.com.br/url>. Acesso em: 24\01\2016.
3. MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel. 1979.
4. GADAMER, H. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
5. GADAMER, H. G. *Verdade e Método*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 9º Ed. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista, São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2008.
6. PAIVA, Marco Aurélio Coelho de. *Identidade Regional e folclore amazônico na obra de Mario Ypiranga Monteiro*. Manaus: Valer, 2002.
7. RAMOS, Tereza de Sousa. *A Amazônia de Leandro Tocantins*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras. Universidade Federal do Amazonas. Amazonas. 2012.
8. TOCANTINS, L. *Euclides da Cunha e o paraíso perdido*. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1966.
9. _____. *Vida cultura e ação*. Rio de Janeiro: Arte Nova. 1969.

Jornais Consultados

10. Tocantins, L. *O Fenômeno Social Acreano: Tema que tem escapado aos historiadores e aos cronistas* – *Ás*

vésperas do centenário da anexação do Acre ao Brasil – Entrevista do escritor Leandro Tocantins. Folha do Norte. S\L. 15-12-1953.

1. Brasileiros oriundos do nordeste do Brasil, que migraram para a Amazônia para se juntar ao exército da extração de uma espécie da borracha – o caucho



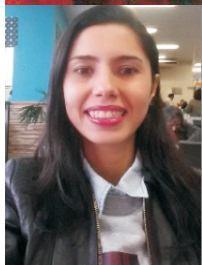
TEREZA DE SOUSA RAMOS, M.Sc.

Graduada em *Ciências Sociais* pela UFAM; *Mestrado em Sociologia* pela UFAM. Atualmente é Docente no curso de Relações Internacionais, no Centro Universitário do Norte - UNINORTE. Está no programa de Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, UFAM.



LILEANE PRAIA PORTELA DE AGUIAR, Dra.

Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília-UnB. Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal-UFAM do Amazonas. Membro do Programa de Pós-Graduação em Dança Educação da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Tradutora Intérprete. Avaliadora da Revista SODEBRAS- Soluções para o Desenvolvimento do País.



PAULA MIRANA DE SOUSA RAMOS, Dra.

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas e mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Amazonas. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia na Universidade Federal do Amazonas. Atualmente é professora do Centro Universitário do Norte.

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-
413005, Maharashtra
Contact-9595359435

E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com